

Europeus e japoneses temem a radicalização dos países devedores

por Sônia Jourdani
de São Paulo

As representações bancárias estrangeiras discordam apenas na identificação das causas da elevação da "prime" para 13%. Nas consequências, não têm dúvida de que são perigosas para o Brasil e demais países endividados. Os bancos europeus, mesmo bastante cuidadosos em seus comentários, não deixam de mencionar a inoportunidade da decisão dos americanos num momento político delicado e sem razões de ordem econômica suficientemente fortes a justificar o aumento dos juros.

"Nem bem os grandes devedores acabam de pedir taxas menores, eles as aumentam", observou a este jornal o dirigente de um grande banco da Europa que, nas explicações sobre a razão de sua surpresa, repetiu as dadas na segunda-feira por Jan R.E. Jarne, representante do Libra Bank.

Logo após o anúncio da alta da "prime", Jarne ponderou que, a uma semana do fechamento do trimestre, era de imaginar que os bancos americanos esperassem um pouco mais para subir os juros, uma vez que esse período é marcado por grandes flutuações das taxas no "overnight".

Outras considerações feitas por Jarne — e com as quais bancos europeus e japoneses concordam — dizem respeito às pressões exercidas sobre os juros nas duas direções: para cima, fatores de efeito meramente psicológico (o crescimento da economia americana acompanhado de déficits elevados) e, para baixo, fatores mais consistentes, como a ausência de uma pressão maior do Federal Reserve Board, a manutenção de juros reais compensadores e o fortelecionamento do dólar.

Os bancos japoneses, por sua vez, deixam de lado a análise técnica e se atêm a considerações de ordem política. Não escondem sua preocupação de que o Brasil radicalize a postura que vem mantendo frente à comunidade credora por força da alta da "prime". Justamente agora, que amadurece a idéia da conveniência de um processo de capitalização dos juros, as instituições japonesas temem que algo a comprometa.

Isso porque, como confessaram a este jornal as chefias de dois grandes bancos do Japão, a capitalização atrai as instituições não americanas por ser uma saída que prenderia todos os bancos dos EUA, impedindo, por exemplo, a redução de seus empréstimos de curto prazo.

"EXPOSURE"

Outro ponto a favor, na opinião de europeus e japoneses, é a possibilidade de um nivelamento das taxas de juros para cima, uma vez que a de risco ("spread") cobrada pelos bancos americanos é bem maior, dado o comprometimento da sua carteira de empréstimos no País.

O problema das grandes instituições dos EUA é justamente o "exposure" excessivo em países que contam apenas com o produto de suas exportações para pagar a dívida externa. Quanto mais sobem os juros, mais aumenta esta dívida e mais caro fica o custo do financiamento das exportações dos endividados, fazendo crescer o risco de não pagamento.

Assim, os bancos americanos ouvidos por este jornal dizem estar sob fogo cruzado: de um lado, são levados à elevação das taxas por pressão da economia interna e, de outro lado, sabem que isso torna perigosamente vulneráveis os seus balanços.